

Civismo das Massas

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos
Editor de **ELECTRICIDADE**



Uma sociedade de massas tem características próprias, diferentes das que se percebem em sociedades pulverizadas. Os comportamentos individuais são afectados de tal modo pelas induções colectivas que as próprias pessoas ficam pasmadas em determinadas situações, quando tomam consciência daquilo que fazem sob o manto da massificação. Desnecessário será dizer que a estranha força dos grupos humanos extensos (ou densos) manifesta-se para o bem e para o mal.

Os resultados benéficos das sociedades de massas nem sempre são apercebidos e muitas vezes não se lhes dá a devida atenção, tão naturais se consideram. Sabe-se que só a partir de uma certa massa crítica é que se manifestam as referidas características específicas do pensamento de grupo. Então, o sistema humano, dada a sua composição por inúmeros componentes estruturais, cria um espírito colectivo, bem distinto do espírito individual. E daí nascem os *marginais*, *desadaptados*, *incompreendidos* e *intolerados* — que a sociedade maioritária rejeita e até condena — sempre que o indivíduo se distingue do grupo massificado.

Os grandes feitos, aqueles que permanecem na memória histórica como raridades extraídas da criatividade dos homens, costumam ser obra de decisões conjuntas (o que dá especial predominância societal aos políticos) ou situam-se no trabalho singular de alguém com raro sentido da vida (dando ênfase à genialidade dos iluminados por qualquer inovação de grande impacto societal). Na sociedade tecnológica actual, cada vez mais complexa, os movimentos de massas sulcam rasgos que cada pessoa nem sequer consegue suspeitar.

Levanta-se a questão essencial de valorizar o conteúdo dessas movimentações e, sobretudo, dos impulsos que as determinam ou dos efeitos detectáveis. Sem entrar no campo da moral nem da religião, pode-se

apreciar os valores implícitos no terreno filosófico da tecnologia, sob diversos aspectos, cada qual com a sua expressão para reflectir o percurso da nossa civilização: a garantia da segurança, a qualidade ambiental, o bem-estar da pessoa humana, a riqueza da vida saudável, a confiança num futuro insuspeito.

Chegamos assim à educação cívica. O respeito pela opinião alheia torna-se incontornável. A decisão condicionada por partilhações próximas fica espartilhada. O controlo permanente situa-se entre as prioridades quotidianas. A tolerância aparece decisiva na definição dos valores finais: até que ponto devo condescender?

Este conjunto de preocupações e as respostas encontradas devem ser vividas. A sua assimilação evidencia-se nos actos correntes da vida em sociedade. Aprendem-se porque se praticam. E praticam-se porque se exercem pelas regras sociais em todas as situações experimentadas. Quando se actua em sociedade não se orienta directamente o comportamento em função da verificação de uma lista de procedimentos. Por trás encontra-se a educação cívica.

Fala-se agora na introdução de uma disciplina de educação cívica nas escolas portuguesas. Mas o civismo ensina-se, como a matemática ou a física? Não será mais eficaz disseminar esse ensino por todas as provocações impostas na sociedade? Não **creia que uma dissecação cívica durante uma ou duas horas semanais, ao longo dos períodos escolares, venha a contribuir melhor para a construção do homem moderno** — se não forem seguidos os princípios adequados **fora dessas sessões de lavagem cerebral**. Isto é, o civismo adquire-se ao respirar a atmosfera societal.

O que falta é criar a atmosfera mais propícia à respiração. Que importa todo esse ensino, se os professores se comportam à **margem dos ditames dos bons samaritanos?** Estudemos antes a

filosofia como educação. Analisemos sobretudo exemplos históricos de quem fundou alicerces sólidos da ciência. Observemos as ideias no contexto das discussões filosóficas científicas.

Estou a lembrar-me da vida de Ortega y Gasset e da sua obra mais significativa «Rebelião das Massas». No seu pensamento não estavam as "massas populares" nem as "massas revolucionárias", mas antes uma categoria antropológica de entendimento e realização da própria vida, segundo a exigência e o esforço de viver.

Assim, o "homem de vida nobre" exige-se a si mesmo, retirando de si aquilo que precisa para dar sentido à sua acção. Pelo contrário, o "homem de vida vulgar" exige dos outros tudo o que necessita na resolução dos seus problemas. Tão diferentes atitudes não emergem de mais ou menos lições de civismo: a nobreza de ser reside na compreensão dos direitos devidos e das obrigações que condicionam os seus desejos; a vulgaridade de ser admite todos os direitos mas despreza os deveres.

Dentro do universo vulgar, independentemente da classe social e do poder económico, irrompe o "homem-massa" como senhor satisfeito e como bárbaro especialista, caracterizando ambos a sociedade de massas. O "senhor satisfeito" pensa que tudo lhe é devido, só porque existe, e não se obriga a nada: tudo será fácil de conseguir, sem custos nem limitações. Por sua vez, o "bárbaro especialista" acredita que o profundo conhecimento da sua área profissional **especializada lhe concede capacidade para opinar acerca de tudo, incluindo questões sociais, políticas, morais e religiosas, sem sair da ciência que domina e investiga.**

É este apeto espiritual que se observa nos investigadores, em geral, prosseguindo o trilha dos mestrados e doutoramentos em ciências e tecnologia. E o mal vem detrás: as próprias licenciaturas fecham-se cada vez mais em especializações mutilantes. Quando os estudantes de engenharia de ambiente rejeitam as mínimas bases da energética e da electrotécnica, como acontece hoje em dia, mal vai o mundo das massas: fora da paisagem que cultivam, toda a curiosidade pelo saber é diletantismo.

Uma monstruosidade da rebelião. Agravada pelo civismo das massas. **E**